

Leão XIV

Magnífica Humanidade

CARTA ENCÍCLICA

MAGNIFICA HUMANITAS

DO SANTO PADRE

LEÃO XIV

SOBRE A SALVAGUARDA DA PESSOA HUMANA

NA ERA DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL



EDITORIAL AO

Na capa

Andy Kelly (Unsplash) – (modificada)

Capa

Romão Figueiredo

Paginação

Editorial AO

Impressão e Acabamentos

Sersilito – Empresa Gráfica

Depósito Legal

565836/26

ISBN

978-972-39-1048-3

Maio de 2026

Com todas as licenças necessárias

©

SECRETARIADO NACIONAL DO APOSTOLADO DA ORAÇÃO

Rua S. Barnabé, 32 – 4710-309 BRAGA / Tel.: 253 689 443

www.redemundialdeoracaodopapa/livraria.pt | livros@rmop.pt

INTRODUÇÃO

1. A MAGNÍFICA HUMANIDADE criada por Deus encontra-se hoje perante uma escolha decisiva: erguer uma nova torre de Babel ou construir a cidade onde Deus e a humanidade habitam juntos. Cada geração recebe em herança a tarefa de dar forma ao seu tempo: de fazer amadurecer a história como um lugar onde a dignidade de cada pessoa seja salvaguardada, a justiça promovida e a fraternidade possibilitada. Sobre cada época, porém, paira o risco de construir um mundo desumano e mais injusto. Ali onde a humanidade corre o perigo de perder a sua identidade, nós, cristãos, erguemos os olhos para o Deus feito carne, sabendo que «o mistério do homem só no mistério do Verbo encarnado se esclarece verdadeiramente»¹. Em Jesus Cristo, esta magnífica humanidade torna-se o Caminho, a Verdade e a Vida, abrindo a cada um de nós a via para crescermos até à plenitude.

¹ CONC. ECUM. VATICANO II, Const. past. *Gaudium et spes*, 22: AAS 58 (1966), 1042.

2. Alicerçados em Cristo, a pedra viva, experimentamos a poderosa e misteriosa ação do Espírito Santo e acreditamos que todo o autêntico esforço humano de cooperar com Ele para o bem será abençoado pelo Pai celeste, no qual depositamos a nossa esperança. Por isso, com determinação, podemos contribuir em todas as iniciativas que constroem um mundo mais justo e convidar outros a colaborar conosco na promoção do desenvolvimento integral de cada ser humano. Desejamos entrar em diálogo com todos os homens e mulheres do nosso tempo, com os quais partilhamos os acontecimentos, as questões e as aspirações da humanidade². Com eles, queremos individuar novos caminhos para o bem comum e a promoção de uma vida digna para todos. Essa atitude de diálogo é parte integrante da vocação da Igreja, pois ela, constituída «em Cristo, é como que o sacramento [...] da íntima união com Deus e da unidade de todo o género humano»³, reconhece a história como o lugar onde o Evangelho interpela e acompanha a experiência humana.

3. Com esse espírito, Leão XIII publicou, em 1891, a Encíclica *Rerum novarum*, cujo 135.º aniversário celebramos este ano com viva gratidão. O meu amado Predecessor deu impulso, com este documento, àquela reflexão sobre a sociedade, a economia e a política a que hoje chamamos “Doutrina social da Igreja”. E quando alguns contesta-

² Cf. *ibid.*, 11: AAS 58 (1966), 1033-1034.

³ IDEM, Const. dogm. *Lumen gentium*, 1: AAS 57 (1965), 5.

Introdução

vam que a Igreja não devia desperdiçar energias em questões mundanas, mas preocupar-se em comunicar uma mensagem de vida eterna, ele respondia com realismo e sabedoria que o anúncio do Evangelho não pode esquecer a vida concreta dos povos⁴. Passaram-se muitas décadas desde então, e o Magistério, os pastores, os teólogos e os fiéis continuaram a refletir sobre as questões sociais à luz do Evangelho. Hoje, a Doutrina social da Igreja é um património de sabedoria, onde encontramos princípios para pensar, critérios para discernir e julgar, orientações concretas para agir. Ela baseia-se na Sagrada Escritura e na Tradição e, em diálogo com as ciências, ajuda-nos a ler os desafios do presente com lucidez, identificando caminhos adequados para viver, com alegria e ao serviço do mundo, um límpido testemunho cristão. Não se trata dum conjunto estático de conceitos, mas dum *corpus* vivo de verdades, que preserva e interpreta a vocação da humanidade à vida plena e justa. Desejo, portanto, juntar a minha voz a esta tradição viva, invocando a ajuda do Espírito de sabedoria, que habita o mundo desde os seus primórdios (cf. *Pr* 8, 22-31).

As res novae do nosso tempo

4. Se, na sua época, Leão XIII falava de «novas questões» (*rerum novarum*), hoje não podemos simplesmente

⁴ Cf. LEÃO XIII, Carta enc. *Rerum novarum* (15 de maio de 1891), 15: ASS 23 (1890-1891), 653.

repetir os seus preciosos ensinamentos, mas devemos pedir a Deus a sabedoria para interpretar as grandes tendências do nosso tempo, em particular os progressos da técnica. Nos últimos anos, tornou-se cada vez mais evidente o quão rápida e profundamente a digitalização, a inteligência artificial (IA) e a robótica estão a transformar o nosso mundo. A técnica não deve ser considerada, em si mesma, como uma força antagónica em relação à pessoa: pelo contrário, está enraizada na nossa história desde o início, na medida em que é «um dado profundamente humano, ligado à autonomia e à liberdade do homem»⁵. Ao longo dos séculos, o desenvolvimento tecnológico contribuiu para uma melhoria significativa das condições de vida da humanidade; ao mesmo tempo, cada fase do progresso também revelou o lado ambíguo de instrumentos que, quando não orientados para o bem, são capazes de causar danos. Hoje, no entanto, estamos diante de uma situação nova, em que o poder e a disseminação das tecnologias emergentes se inserem no curso da vida quotidiana, moldam os processos de decisão e incidem profundamente no imaginário coletivo: «Nunca a humanidade teve tanto poder sobre si mesma»⁶. As novas tecnologias abrem um horizonte alargado em direções que, embora imagináveis, não podemos ainda antever plenamente. Isto torna mais complexo avaliar o seu im-

⁵ BENTO XVI, Carta enc. *Caritas in veritate* (29 de junho de 2009), 69: AAS 101 (2009), 702.

⁶ FRANCISCO, Carta enc. *Laudato si'* (24 de maio de 2015), 104: AAS 107 (2015), 888.

pacto, bem como os efeitos a longo prazo sobre a dignidade das pessoas e o bem comum.

5. Cabe-nos agora enfrentar, com lucidez e responsabilidade, os desafios do nosso tempo. É necessário adotar instrumentos normativos adequados, capazes de salvar a justiça e de conter os efeitos nocivos do poder tecnológico. Mas a questão não se esgota na regulamentação. Como alertou o Papa Francisco, devemos perguntar-nos com realismo quem detém hoje este poder e para que fins o orienta: «Não podemos, porém, ignorar que a energia nuclear, a biotecnologia, a informática, o conhecimento do nosso próprio DNA e outras potencialidades que adquirimos [...] dão, àqueles que detêm o conhecimento e sobretudo o poder económico para o desfrutar, um domínio impressionante sobre o conjunto do género humano e do mundo inteiro»⁷. Outrora, eram sobretudo os Estados a orientar e a dirigir a inovação. Hoje, pelo contrário, os principais motores do desenvolvimento são sujeitos privados, frequentemente transnacionais, dotados de recursos e capacidades de intervenção superiores aos de muitos Governos. O poder tecnológico assume, assim, uma identidade inédita, predominantemente “privada” e, portanto, ainda mais difícil de discernir, gerir e orientar para o bem comum.

⁷ *Ibidem.*

6. É preciso, portanto, iniciar um discernimento partilhado, capaz de penetrar nas raízes espirituais e culturais das transformações em curso. Se nos limitarmos às contingências, corremos o risco de deixar que uma série de emergências decida, em nosso lugar, a direção do caminho. Estamos a viver uma rápida fase de transição, uma “mudança de época” em que, enquanto alguns disputam o futuro das novas tecnologias e outros se dedicam à reflexão sobre elas, a maioria das pessoas permanece a aguardar, observa de longe, simplesmente esperando que tudo corra bem. Exatamente por isso, impõem-se à nossa consciência questões decisivas, que não podem já ser evitadas: Para onde vamos? Para que meta desejamos orientar-nos? Que direção escolher enquanto comunidade humana e enquanto povos?

Duas imagens bíblicas

7. Para responder a estas questões e discernir como viver com responsabilidade a era da inteligência artificial, gostaria de evocar duas imagens bíblicas: a da edificação da torre de Babel (cf. *Gn* 11, 1-9) e a da reconstrução das muralhas de Jerusalém (cf. *Ne* 2-6). No livro do Génesis, o relato de Babel situa-se nas origens da humanidade, imediatamente após as genealogias dos filhos de Noé. Os seres humanos, tendo-se estabelecido na planície de Senaar, decidem construir uma cidade e uma torre «cujo cimo atinja os céus» (*Gn* 11, 4). Pretendem, assim, obter estabilidade e poder e, sobretudo, tornarem-se “famosos”, te-

mendo ser dispersos pela terra. A empresa mostra-se imponente: uma única língua, uma única tecnologia, uma única direção. Todavia, o projeto esconde uma profunda insídia: é uma obra pensada sem referência a Deus, sustentada por uma uniformidade que elimina a diversidade e que, em vez da comunhão, opta pela homogeneização. Quando a cidade se edifica sobre o orgulho e a pretensão de se bastar a si mesma, a comunicação é interrompida, as línguas confundem-se e os seres humanos deixam de se compreender. O resultado não é a unidade, mas a dispersão. Deste modo, Babel revela o limite de qualquer construção, ainda que grandiosa, surgida da absolutização do humano e da sua pretensão de autossuficiência, do sacrifício da dignidade das pessoas em nome da eficiência e da ambição de alcançar o céu sem a bênção de Deus.

8. O livro de Neemias, por sua vez, começa num momento de grande vulnerabilidade na história do antigo Israel. Após o exílio babilônico, uma parte do povo regressou a Jerusalém, mas a cidade continua devastada, com as muralhas ainda em ruínas e as portas consumidas pelo fogo (cf. *Ne* 1-2). Neemias, um judeu ao serviço do rei persa Artaxerxes, recebe a notícia do estado desastroso da cidade dos seus pais. Antes de agir, jejua, reza e intercede pelo povo; depois, pede ao rei permissão para regressar a Jerusalém e, ao chegar ao destino, examina em silêncio os lugares destruídos. Não impõe soluções vindas do alto: convoca as famílias, confia a cada uma delas uma parte da muralha para reconstruir, ouve os

receios, coordena os esforços, enfrenta as oposições. O relato mostra como a cidade renasce não graças à iniciativa de uma única pessoa, mas através da responsabilidade partilhada por todo o povo: sacerdotes, artesãos, chefes de família, mulheres e jovens. É uma obra que tem Deus no centro e que reconstrói as relações antes mesmo das pedras. Com efeito, a antiga Jerusalém reencontra uma linguagem comum, não a da uniformidade, mas a da comunhão: a harmonia que brota quando cada um assume a própria responsabilidade e todo o povo reconhece que a sua força provém do Senhor.

9. À luz destas duas imagens, o Espírito Santo interpela-nos hoje sobre a nossa relação com a técnica e com a revolução digital em curso. As descobertas científicas são um dom concedido à humanidade para que esta o faça frutificar (cf. *Mt* 25, 14-30). A tecnologia pode curar, conectar, educar, cuidar da Casa comum; mas também pode dividir, descartar, gerar novas injustiças. Na teoria, em si mesma, ela não é uma solução para os problemas da humanidade, assim como não é, em si mesma, um mal; todavia, na prática, não é neutra, porque tem o rosto daqueles que a concebem, financiam, regulam e utilizam. Por isso, a primeira escolha não é entre um “sim” ou um “não” à tecnologia, mas entre edificar Babel ou reconstruir Jerusalém: entre um poder que pretende dominar o céu ou um povo que unido, na presença de Deus, começa o trabalho de reerguer os muros da convivência fraterna.

10. Evitemos, portanto, a “síndrome de Babel”: a idolatria do lucro, que sacrifica os mais fracos; a uniformidade, que anula as diferenças; a pretensão de uma linguagem única – mesmo digital – dedicada a traduzir tudo em dados e desempenhos, inclusive o mistério da pessoa. Este é o risco da desumanização: construir o futuro excluindo Deus e reduzindo o outro a um meio; uma tentação tão antiga e tão nova, que hoje assume também uma faceta técnica. Pelo contrário, escolhamos o “caminho de Neemias”, que destaca o valor do trabalho conjunto para garantir a segurança da cidade de Deus aos exilados que regressavam. Reconstruir hoje significa reconhecer, na pluralidade de vozes e visões que por vezes lembra a dispersão das línguas, a existência duma possibilidade luminosa: a de edificar juntos, transformando a diversidade num recurso e fazendo da escuta e do diálogo o terreno comum no qual crescem a justiça e a fraternidade. No âmbito desta obra partilhada, os cristãos encontram a sua forma específica de construir: orientar a ação para Deus, de modo que, à sua luz, o pluralismo não se disperse na desordem, mas, pela prática da sinodalidade, se torne o lugar onde a humanidade reencontra os seus sólidos alicerces e o seu fim último. No Apocalipse, João vê a nova Jerusalém «descer do céu, de junto de Deus» (*Ap* 21, 2) como um dom para toda a humanidade. Esta visão de graça constitui, para nós, cristãos, um apelo a trabalhar juntos, cultivando uma coexistência pacífica, justa e digna nas “cidades” de hoje.

Construir no bem

11. Construir uma cidade orientada para o bem comum exige, em primeiro lugar, edificar sobre a rocha da relação com Deus. Reconhecer que a verdade do seu amor nos chama a uma vida «em abundância» (Jo 10, 10) e à comunhão com Ele. Também nós podemos dizer com Santo Agostinho: «Criaste-nos para Vós e o nosso coração vive inquieto, enquanto não repousa em Vós»⁸. Na verdade, Deus gravou no nosso coração um desejo de felicidade, que envolve todas as dimensões da vida, e a Igreja, no diálogo com os homens e as mulheres do nosso tempo, sente a urgência de guardar e orientar essa aspiração rumo à sua verdade mais profunda.

12. Em segundo lugar, edificar no bem significa aceitar os limites e a fragilidade da humanidade, sem os considerar um erro a corrigir. Hoje, o desejo de plenitude do ser humano corre o risco de ser desviado para objetivos enganadores: a ilusão duma técnica que promete libertar-nos de toda a fragilidade ou modelos de bem-estar que “deixam para trás” povos inteiros. Não raro, depositamos a esperança num aperfeiçoamento sem limites, em formas de progresso que podem exacerbar as desigualdades, em soluções imediatas incapazes de curar as feridas dos povos. Então, enquanto alguns perseguem a quimera de uma autoafirmação ilimitada, muitos continuam sem

⁸ S. AGOSTINHO, *Confessiones*, I, 1, 1: CCSL 27, Turnhout 1981, 1.

o essencial. A Igreja recorda – com voz humilde, mas firme – que a verdadeira realização não nasce da supressão das fragilidades, mas de um crescimento harmonioso: onde a liberdade e a responsabilidade se entrelaçam com o cuidado recíproco e a verdadeira solidariedade, e onde o progresso se mede pela dignidade de cada um e pelo bem dos povos.

13. Construir um mundo onde todos possam “florescer” exige, em terceiro lugar, uma corresponsabilidade corajosa. Nenhuma mão, sozinha, é suficiente para aguentar o peso dos desafios que assolam o mundo; e nenhuma mão é tão fraca que não possa dar o seu contributo: «A força manifesta-se na fraqueza» (2 *Cor* 12, 9). A cada um o seu pedaço da muralha: cientistas e estudiosos, empresários e trabalhadores, educadores e legisladores, sociedade civil, movimentos populares e comunidades de fé. Esta é a lógica da subsidiariedade, que valoriza a cooperação entre gerações, povos, disciplinas e culturas como caminho principal para fazer crescer a estabilidade, a prosperidade e a paz. As tensões e as diferenças não devem intimidar, pois, quando orientadas por uma responsabilidade comum, podem tornar-se forças criativas.

14. Por fim, edificar no bem exige uma linguagem evangélica. Evitemos palavras que humilhem ou criem oposições. Escolhamos a clareza que ilumina e a franqueza que abre caminhos. Não abençoemos entusiasmos ingénuos, não alimentemos medos estéreis. Em vez disso, indique-

Magnífica Humanidade

mos critérios de discernimento – dignidade da pessoa, destino universal dos bens, opção pelos pobres, cuidado da Casa comum, paz – e transformemo-los em ações: planeamento responsável, avaliações de impacto humano e social, inclusão dos mais frágeis, alfabetização digital, pesquisa e indústria orientadas para a justiça e a paz.

Permanecer humanos

15. No recente Jubileu Ordinário de 2025, caminhámos como peregrinos da esperança e fomos cumulados de graças. Fortalecidos por estes dons, podemos avançar com ânimo confiante perante as árduas tarefas e os exigentes desafios que se apresentam no nosso futuro. Na era da inteligência artificial, em que a dignidade humana corre o risco de ser ofuscada por novas formas de desumanização, temos o dever urgente de permanecer profundamente humanos, salvaguardando com amor essa magnífica humanidade, que nos foi plenamente dada e manifestada em Cristo e que jamais alguma máquina poderá substituir no seu esplendor. O verdadeiro progresso nasce sempre de um coração aberto ao outro, de uma inteligência disponível para ouvir, de uma vontade que procura mais o que une do que o que separa.

16. A todos os fiéis católicos, a todos os cristãos, a todos os homens e mulheres de boa vontade dirijo um sentido apelo: não tenhamos medo de sujar as mãos no canteiro de obras do nosso tempo. Como Neemias, re-

Introdução

zemos, planifiquemos com sabedoria, trabalhemos com perseverança, recolocando Deus no horizonte do nosso agir e o ser humano no centro das nossas escolhas. Então, as pedras rejeitadas – os pobres, os doentes, os migrantes, os pequenos – tornar-se-ão a pedra angular, e na terra erguer-se-á uma sólida e acolhedora morada comum, onde o amor e a verdade finalmente se encontrarão e a justiça e a paz se beijarão (cf. Sl 85, 11). Esta é a bênção que imploramos de Deus e a tarefa que nos espera: ser construtores de comunhão, não arquitetos de Babel; servos do Reino que vem, não senhores de torres destinadas a ruir. E, com espírito de pastor e pai, peço a todos que pareis a construção da enésima Babel, congregando forças para edificar no bem, a fim de que a humanidade nunca perca a própria beleza e o mundo possa reconhecer mais uma vez, no coração do ser humano, o lugar onde Deus deseja habitar.

Índice

INTRODUÇÃO	7
<i>As res novae do nosso tempo</i>	9
<i>Duas imagens bíblicas</i>	12
<i>Construir no bem</i>	16
<i>Permanecer humanos</i>	18
Capítulo I – UM PENSAMENTO DINÂMICO FIEL AO EVANGELHO.....	21
Uma Igreja que caminha na história da humanidade	22
<i>Sabedoria da Palavra e diálogo com as ciências humanas</i>	26
<i>A Doutrina social como discernimento comunitário</i>	28
A evolução do Magistério social desde Leão XIII aos dias de hoje	31
<i>Os primeiros passos da Doutrina social da Igreja</i>	32
<i>Os anos do Concílio Vaticano II</i>	37
<i>O Magistério recente</i>	41
Uma leitura da história à luz da fé.....	48

Capítulo II – FUNDAMENTOS E PRINCÍPIOS DA DOCTRINA SOCIAL DA IGREJA.....	49
Fundamentos da Doutrina social	50
<i>O ser humano, imagem do Deus trinitário.....</i>	50
<i>A igual dignidade de todos os seres humanos.....</i>	52
<i>O altíssimo valor dos direitos humanos</i>	55
Princípios da Doutrina social	59
<i>O princípio do bem comum</i>	59
<i>O princípio do destino universal dos bens.....</i>	63
<i>O princípio de subsidiariedade.....</i>	65
<i>O princípio de solidariedade</i>	68
<i>O princípio da justiça social.....</i>	72
O desenvolvimento humano integral	76
Um teste para a Igreja	78
Capítulo III – TÉCNICA E DOMÍNIO. A GRANDEZA DA PESSOA HUMANA PERANTE AS PROMESSAS DA IA.....	83
O paradigma tecnocrático e o poder digital.....	84
A inteligência artificial.....	87
<i>Uma ajuda preciosa que requer atenção</i>	90
<i>Responsabilidade, transparência e gestão da IA.....</i>	92
O que não podemos perder	98
<i>Narrativas de fundo: transumanismo e pós-humanismo</i>	100
<i>Os limites, o coração e a grandeza do ser humano ...</i>	102
O verdadeiro “mais que humano”: graça e humanismo cristão.....	108
Duas cidades e dois amores	109

Capítulo IV – SALVAGUARDAR O HUMANO NA TRANSFORMAÇÃO. VERDADE, TRABALHO, LIBERDADE	113
A verdade como bem comum.....	114
<i>Verdade e democracia</i>	114
<i>Comunicação e imaginário coletivo</i>	117
<i>Por uma ecologia da comunicação</i>	118
<i>Uma aliança educativa para a era digital</i>	119
<i>Centralidade da escola</i>	122
A dignidade do trabalho na transição digital.....	125
<i>O valor do trabalho</i>	125
<i>O problema do desemprego</i>	127
<i>Uma economia que valorize a dignidade</i>	132
<i>Família e jovens: condições sociais da esperança</i>	138
Salvaguardar a liberdade contra a dependência e a mercantilização.....	141
<i>Dependências e controle social</i>	141
<i>Quebrar as correntes das novas formas de escravatura...</i>	143
Uma responsabilidade partilhada	149
 Capítulo V – A CULTURA DO PODER E A CIVILIZAÇÃO DO AMOR	 151
A civilização do amor na era digital	153
A cultura do poder	155
<i>A normalização da guerra</i>	156
<i>A força sem limites</i>	159
<i>Armas e IA</i>	161
<i>A crise do multilateralismo</i>	163
<i>Um suposto realismo político</i>	165

Magnífica Humanidade

Construir a civilização do amor.....	168
<i>Todos podemos fazer a nossa parte</i>	170
<i>Desarmar as palavras</i>	171
<i>Construir a paz na justiça</i>	172
<i>Assumir o olhar das vítimas</i>	173
<i>Cultivar um realismo saudável</i>	174
<i>Revitalizar o diálogo</i>	175
<i>A necessidade da diplomacia e do multilatera-</i> <i>lismo</i>	178
<i>Rezar e ter esperança</i>	180
CONCLUSÃO.....	181
<i>O Verbo fez-se carne</i>	181
<i>Um único corpo em Cristo</i>	185
<i>O canteiro de obras do nosso tempo</i>	187
<i>O cântico da esperança: Magnificat</i>	192
ÍNDICE	195